ANO XLII • N.º 495/ABRIL 1987 • 40$00

SEMPRE PRONTO

1987
ANO EUROPEU
DO AMBIENTE

Orgão Oficial da Associação dos Escoteiros de Portugal

ESCOTISMO



UM MOVIMENTO DO FUTURO

NOS SERVIÇOS CENTRAIS

DIRECÇÃO NACIONAL JÁ TRABALHA

No dia 1 de Abril tomaram posse na sede nacional os dirigentes que integram a nova Direcção Nacional da Associação dos Escoteiros de Portugal. Assinaram o Auto de Posse como Secretário Nacional, Rui Manuel Severino Almeida, Tesoureiro Nacional, Manuel Victor Morais Lousada, Director das Relações Públicas, Ricardo José Daniel Coimbra, e como Director das Relações Internacionais, João Luís Gomes Maceira.

Os empossados prometeram aceitar os princípios expressos no Compromisso de Honra, aceitar a Lei do Escoteiro como norma das suas vidas e desempenhar com zelo e dedicação os cargos para que foram nomeados.

À cerimónia presidiu José Rafael Baudouin, como Presidente da Direcção Nacional da A.E.P., eleito na última Conferência Nacional de Dirigentes.

De salientar que integrará também a Direcção Nacional, o Escoteiro-Chefe Nacional, Victor Santos por inerência do cargo.

Entretanto a nova Direcção Nacional já reuniu, onde estabeleceu a metodologia de funcionamento das reuniões, aprovou o programa de actividades da Chefia Nacional, decidiu constituir uma Comissão Nacional para as Comemorações dos 75 Anos da Associação dos Escoteiros de Portugal e programou a elaboração de um dossier sobre a conservação das instalações do Parque Nacional de Escotismo.

REUNIU COMISSÃO DE REVISÃO DOS ESTATUTOS

Dando seguimento ao estipulado pela última Conferência Nacional de Dirigentes, reuniu na sede nacional no dia 10 de Abril, a Comissão de revisão dos estatutos da Associação dos Escoteiros de Portugal.

Integram a Comissão, o Presidente da Conferência Nacional, Duarte Mendonça, o Presidente da Direcção Nacional, Rafael Baudouin, o Escoteiro-Chefe Nacional, Victor Santos, o Presidente da Fraternal dos Antigos Escoteiros, Armando Inácio, o Escoteiro-Chefe Honorário da AEP, Nobre dos Santos, os Escoteiros-Chefes Regionais de Lisboa e Setúbal, respectivamente Pedro Madeira e Jorge Alves e ainda o Escoteiro-Chefe Rui Macedo. Apoiará juridicamente os trabalhos o Dr. Eugénio Ramos.

Segundo o «Sempre Pronto» conseguiu apurar, os trabalhos foram bastante produtivos, tendo sido discutida a estratégia a adoptar quanto à execução da revisão estatutária. Foi decidido, realizar uma consulta aos grupos de escoteiros da AEP sobre a matéria a rever e posteriormente apresentar o caderno das revisões a propor à Conferência Nacional de Dirigentes.

A próxima reunião de trabalhos decorrerá a 23 de Maio.

CURSO DE FOTOGRAFIA



Esta é uma das fotografias tirada no curso de fotografia realizado no Parque Nacional de Escotismo na Costa da Caparica nos dias 27, 28 e 29 de Março e que teve a participação de elementos dos grupos 16, 81, 83, 94, e Chefia Regional de Setúbal.

Devido ao interesse demonstrado por esta iniciativa, a Chefia Nacional através do seu departamento de Actividades Especiais pensa descentralizar este curso, dar-lhe continuidade.



■ AVENTURA NO SADO
Pág. 4 e 5
■ ESCOTISMO E A CEE
Pág. 7
■ CAMINHEIROS
Pág. 9
■ ASSOCIAÇÃO
Págs. 10, 11 e 12

SEMPRE PRONTO

Propriedade dos Escoteiros de Portugal

PORTE PAGO

Director: Dr. Nélson Pinto Horta
Chefe de Redacção: Ricardo Coimbra
Colaboradores:
Augusto Marreiros
José Miguel
Paulo Marques
Rute Salvador
Ilustrações: Rogério Castro
Coordenação gráfica: Rui Cunha
Administração: João Madeira
Redacção e Administração: Travessa das Galeotas, 1 (à Junqueira) 1300 Lisboa
Telefone: 63 93 39
Composição: GRAFICERTA — Artes Gráficas, Lda. — Lisboa
Impressão: FOTOGRAVURA CORTE REAL — Odivelas
N.º de exemplares: 5000
Depósito legal n.º 15511/87
Assinatura Anual:
Ordinária — Esc.: 480$00
De patrocínio — Esc.: 750$00
Despesas de cobrança — Esc.: 100$00
Espanha e países de África de expressão portuguesa — Esc.: 550$00
Outros países — Esc.: 900$00 (U.S. $5,50)



■ *René Larsen em actividade na Serra de Sintra*

Em tempos, conheci numa aula de Judo um rapaz louro de braços incrivelmente fortes. Entre dois golpes de treino descobri que ambos eramos escoteiros: eu, em Portugal, e ele, 2500 quilómetros mais a norte — na Dinamarca.

Poucos meses depois René Larsen fez o Compromisso de Honra nas fileiras do nosso Grupo 23 de Queluz e, algum tempo passado sobre o regresso ao seu país, tornou-se num dos mais jovens dirigentes da Kristen Forening for Unge Maend, uma das três associações escotistas da Dinamarca.

Durante a sua recente estadia em Portugal, René Larsen participou em diversas cerimónias, reuniões e actividades escotistas e deste reencontro com os escoteiros do nosso país nasceu a entrevista.

S.P. — **René, quais são as principais razões que te têm trazido a Portugal?**

R.L. — Bem, para além de não ser muito bom estar longe das pessoas de quem se gosta, outra das razões que me têm trazido cá é, seguramente, o Escotismo.

S.P. — **Sendo provavelmente o único escoteiro português e dinamarquês, ao mesmo tempo, estás numa boa posição para comparar as diferentes formas de fazer Escotismo nestes dois países, não é verdade?**

R.L. — Penso que o Espírito Escotista é igual em todo o lado e a única coisa em que diferimos é nas actividades que realizamos. Vejamos, na Dinamarca todos gostaríamos de poder fazer actividades tão aliciantes como Montanhismo, expedições fluviais e Espeleologia, mas a verdade é que não o podemos fazer porque não temos montanhas, grutas e grandes rios, como vocês têm aqui em Portugal. Apesar de querermos, não podemos realizar deste tipo de actividades, a menos que viajamos até à Suécia ou até à Noruega.

Assim, nós temos que realizar actividades mais baseadas na técnica escotista e, portanto, fazemos muitos jogos de orientação, transmissões em Morse, e nos nossos acampamentos costumamos montar grandes torres e todo o tipo de construções em troncos.

S.P. — **Podias dizer-nos quais as actividades escotistas portuguesas que preferes?**

R.L. — Bem, aquelas em que já participei, claro! Aqui há as condições necessárias para praticar actividades tão aventureiras como explorações subterrâneas e escaladas. Se alguma vez tiver oportunidades também gostaria de tentar uma expedição de descida dum rio, porque o que já fiz na Dinamarca de mais parecido com isso, foi no último acampamento nacional: uma descida de 15 quilómetros de rio, em canoagem. E nunca podemos fazer expedições maiores do que um dia ou dois porque os rios são todos demasiado pequenos.

S.P. — **Quais são os teus planos para o futuro, no que respeita aos escoteiros dinamarqueses e portugueses?**

R.L. — Para já, a minha intenção é regressar a casa e, logo de seguida, levar o meu grupo a participar no acampamento nacional da Noruega, em conjunto com outros dois dirigentes do grupo.

Depois quero prosseguir o trabalho com os meus escoteiros e fazer contactos com um grupo dinamarquês de Montanhismo, para que se possa começar a levar escoteiros a praticar escaladas na Suécia e na Noruega.

No que diz respeito aos Escoteiros de Portugal, quero continuar a voltar uma vez por ano para fazer com vocês as actividades com que, por enquanto, os escoteiros da Dinamarca só podem sonhar. Quero fazer novas escaladas e achar o fim duma gruta muito difícil que explorei há dias com o Grupo 23 de Queluz.

ENTREVISTA
(continuação)

S.P. — **Finalmente, a última questão que temos para ti: queres deixar alguma mensagem para os escoteiros portugueses?**

R.L. — Sim, claro. Penso que o que o Escotismo tem de mais importante é que o nosso ideal é baseado na Amizade e no Amor Fraterno. Dado que temos muitas associações de escoteiros espalhadas por todo o mundo, isso faz com que o Escotismo seja, provavelmente, a maior organização internacional de Paz. E é por isso mesmo que devemos trabalhar — PELA PAZ NO MUNDO!

S.P. — **Sim, naturalmente que todos concordarão contigo. Obrigado por esta entrevista e boa sorte para o futuro.**

ESCOTEIROS AMERICANOS CONVIDAM PESSOAL PARA OS SEUS CAMPOS

Os Boy Scouts of América convidam de novo responsáveis escoteiros de outros países para trabalhar junto deles durante o Verão de 1987, nos campos escotistas.

Procuram pessoas entre os 18 e os 35 anos capazes de ensinar aptidões escotistas em inglês e que possam transmitir um pouco da sua própria cultura aos escoteiros participantes nos campos. Os membros do pessoal Internacional de campo devem estar disponíveis durante pelo menos 6 (seis) semanas a partir de Junho.

Os Boy Scouts of América pagarão uma parte dos custos de viagem. Durante o campo, a comida, a acomodação e os cuidados médicos são fornecidos gratuitamente. As pessoas interessadas deverão contactar os Serviços Centrais da Associação o mais rapidamente possível.

GRUPO MARÍTIMO EM FORMAÇÃO

POR ESTE RIO ABAIXO...



AVENTURA NO SADO

No imaginário de todos os escoteiros de acção existe um desejo secreto que os faz sonhar com rápidos, cascatas, baixios e fundões corajosamente vencidos por escoteiros com grande espírito de equipa — este foi o espírito que levou escoteiros do Corpo Nacional de Escutas e da Associação dos Escoteiros de Portugal a juntarem-se a um núcleo de jovens que pretendem constituir um grupo de escoteiros marítimos para, conjuntamente, realizarem a primeira descida escotista do rio Sado.

Para levar a cabo esta aventura foi constituído um grupo expedicionário com o escoteiro-chefe regional da Estremadura e mais quinze jovens de Cascais, Sassoeiros, Paço d'Arcos e Queluz, grupo este com experiência em actividades marítimas e fluviais e tendo, entre os seus membros, escoteiros com os cursos de marinharia, socorrismo e nadador-salvador.

Uma vez que a navegabilidade do rio era desconhecida escolheu-se como veículos de transporte quatro barcos pneumáticos tipo «Zebro» devido à sua grande flutuabilidade que permite navegar com baixas profundidades.

28 de Fevereiro de 1987: algures, no meio do Alentejo, o dia amanheceu com uma movimentação fora do comum na pacata aldeia de Santa Margarida do Sado. Junto ao rio, os escoteiros levantaram acampamento e preparavam-se para dar início à expedição.

Eram 10 horas quando tudo estava prestes a começar: «zebras» a flutuar, equipamento de campismo arrumado, víveres para três dias já acondicionados, pagaias na mão, coletes de salvação enfiados — tudo estava a postos para a largada! O ambiente era de grande expectativa. Nenhuma das quatro tripulações conseguia esconder a sua excitação, pois havia já muito tempo que todos ansiavam por aquele momento.

CEGONHAS E GOLFINHOS

De súbito, por um instante, todos se calaram . . . Parados, todos fitávamos em silêncio o rio. O nosso olhar seguia o seu percurso até à linha do horizonte onde, misteriosamente, se perdia de vista aquele enigmático fio de água que iríamos tentar descer. À nossa frente estavam 100 quilómetros de rio desconhecido . . . 100 quilómetros que iríamos tentar vencer em apenas três dias! Três dias e três noites em que iríamos avançar, retroceder, perdermo-nos e acharmo-nos, sempre (des)orientados pelos mapas dos Serviços Cartográficos do Exército. Em segredo, cada um sonhava já com a acostagem final na península de Tróia, seguida dum fogo de conselho com um calor humano inesquecível, sob a imensidão dum céu estrelado. A possibilidade de ver e fotografar de perto os golfinhos a entrarem na foz do Sado com a maré enchente era uma fraca probabilidade secretamente ambicionada por todos. Mesmo sabendo que provavelmente nao teríamos o tempo necessário para fazer todo o percurso, todos sonhávamos com o final da expedição na foz do rio. É que, de facto, na natureza humana a esperança é sempre a última a morrer . . . e é isso mesmo que nos faz tentar ultrapassar os obstáculos mais intransponíveis e vencer osdesafios mais invencíveis!

O silêncio acabou, os olhares contemplativos cessaram e as divagações foram interrompidas . . . Pegámos nas pagaias e partimos a remar.

" as quedas de água tornavam-se particularmente perigosas porque só dávamos por elas quando já toda a tripulação e barcos se estavam a virar, correndo o risco de perdermos equipamento e víveres"

Ao som da cadência (lenta mas decidida) das remadas, todos apreciávamos a calma e o equilíbrio da paisagem alentejana. O verde das searas ondulava ao vento, sendo apenas entrecortado aqui e além pelo castanho de alguma azinheira ou dum sobreiro solitário. Pouco habituadas à presença humana naquelas ermas paragens, algumas cegonhas seguiam com um olhar assustado e curioso a passagem das nossas embarcações por debaixo dos seus ninhos. Estávamos agora na época em que os casais regressam aos seus ninhos do ano anterior e definem o seu território, para aí realizarem os rituais de acasalamento que resultarão mais tarde numa única postura de ovos.

Passadas as pequenas colónias de cegonhas continuamos a descer aquelas águas lamacentas que, por serem tão turvas, não nos deixavam ver que o Sado é um dos rios portugueses com mais peixe porque, felizmente, também é um dos que estão menos poluidos.

NO MEIO DOS ARROZAIS

Mas aquela calma e agradável navegação não se iria manter por muito tempo . . . os problemas não se fizeram esperar!

Desde cedo que fomos parar a remar no meio dos arrozais e, quando a profundidade se tornava insuficiente, não havia outra solução que não fosse arrastar os barcos pela lama pessonhenta. Quando finalmente nos conseguíamos escapar dos imensos arrozais e fugir para as zonas de maior profundidade, começava a árdua tarefa de abrir caminho à machadada por entre as árvores que barravam a passagem dos «zebros», árvores essas que apareciam repetidamente no meio do rio de forma muito insistente (e incómoda!). À noite, as quedas de água tornavam-se particularmente perigosas porque só dávamos por elas quando praticamente já toda a tripulação e barcos se estavam a virar, correndo o risco de perdermos equipamento e víveres.

Ao calor desidratante e sol abrasador dos dias sucedia-se a humidade e o frio gélido das noites em que, às escuras, carregávamos o equipamento patinhando na lama ao atravessar os intermináveis arrozais à procura dum pedaço de chão minimamente seco para montarmos acampamento.

LUTA CONTRA O TEMPO

Contudo, a expedição prosseguia imparavelmente, ultrapassando e vencendo todos os obstáculos. Acusando já um certo desgaste físico, a tripulação começou a recear não conseguir vencer o único obstáculo materialmente impossível de ser vencido — a falta de tempo. O nosso tempo estava-se a esgotar rapidamente sem que se vislumbrasse uma localidade com acesso por estrada onde pudéssemos acostar para terminar a expedição e ser recolhidos pelos veículos da Câmara Municipal de Cascais. O tempo escoava-se perigosamente e cada vez aumentava mais o risco de sermos forçados a terminar a expedição nalgum pântano perdido . . . perdido e inacessível, onde nem nós nem o equipamento poderia ser recolhido por terra. Deste modo, tornava-se agora quase uma questão de sobrevivência chegar a todo o custo à população ribeirinha mais próxima que tivesse bons meios de comunicação com o exterior.

De manhã, uma rápida consulta aos mapas confirmou que a nossa única hipótese era chegarmos ainda nesse dia a Alcácer do Sal. O único problema era faltarem ainda 20 quilómetros de percurso desconhecido até lá chegarmos. E se esses 20 quilómetros fossem tão tortuosos como os anteriores então as nossas hipóteses de chegarmos a tempo seria realmente muito poucas mesmo.

Envoltos pelo nevoeiro matinal que tardava a dissipar-se, metemos mão à obra e, num derradeiro esforço, descemos mais uma queda de água e abrimos mais uma vez passagem por entre as árvores à força de machado, para que os barcos pudessem desencalhar. Lentamente, a bruma que nos impedia a visibilidade desapareceu, o Sol sorriu abertamente e, tal como ele, também a sorte nos sorriu — as dificuldades tinham finalmente acabado e o rio tornara-se facilmente navegável a partir de agora.

E foi assim que conseguimos chegar nesse dia a Alcácer do Sal sem incidentes dignos de registo.

Deste modo, 100 quilómetros de descida do Sado tinham-se transformado em 65 quilómetros de (des)venturas fluviais. Não conseguimos, de facto, cumprir todo o trajecto . . . mas resta agora o aliciante de voltar a enfrentar o desafio e conseguir descer o Sado até à foz!

Só falta saber quem serão os primeiros a conseguir levar a cabo esta aventura!

PAULO MARQUES

Conta Juvenil



Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa põe agora à disposição dos mais novos a «Conta Juvenil».

UM COMEÇO A TER EM CONTA

- É uma conta de depósitos à ordem
- Proporciona **a taxa de juro de 6%**
- Para jovens até aos 16 anos

É importante começar pelo princípio. E a «Conta Juvenil» do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa é um começo a ter em conta.

Mais um serviço com a garantia do

BANCO ESPIRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

team

Passado um ano desde a adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia, muitas dúvidas persistem sobre o que é e como funciona a CEE. Muitos perguntarão ainda, qual a ligação entre o Escotismo e este organismo europeu. A este respeito note-se que a Região Europeia de Escotismo participa activamente no Youth Forum, a Assembleia Juvenil da Comunidade, assim como a AEP lá se encontra representada através do Conselho Nacional de Juventude de Portugal.

Para esclarecimento de algumas dúvidas que presistam, aqui fica esta visita ao funcionamento da Comunidade Económica Europeia.

No rescaldo da Segunda Guerra Mundial, a paz, o desenvolvimento económico estável e a conquista de uma vida melhor em democracia e pluralismo, surgiam como as principais prioridades de uma Europa destruída.

Que caminho seguir?

O dinamismo e a vontade de um grupo de homens conduziram-nos a uma opção de grande alcance histórico: pôr em comum os destinos dos povos europeus e lutar por uma verdadeira integração não apenas económica mas também política.

A Europa escolhe a unidade

Em 1951, a Bélgica, França, Itália, Luxemburgo, Países-Baixos e República Federal da Alemanha assinam o Tratado de Paris instituindo a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA).

Seis anos mais tarde decidem, ao assinar os Tratados de Roma, criar a Comunidade Económica Europeia (CEE) e a Comunidade Europeia da Energia Atómica (EURATOM).

Em 1967, os órgãos constitutivos das três comunidades fundem-se para dar lugar a uma Comissão e um Conselho de Ministros únicos.

De seis para doze

A Comunidade Europeia conheceu já três alargamentos: em 1973 o Reino Unido, a Irlanda e a Dinamarca juntam-se aos «Seis»; em 1981 a Grécia entra para o que passa a ser correntamente designado os «Dez»; em 1986 o alargamento a Portugal e Espanha mostra uma vez mais que a dinâmica da construção europeia não se extinguiu.

A Comunidade a Doze constitui a maior potência comercial do mundo e a principal fonte de ajuda pública ao desenvolvimento do Terceiro Mundo.

Mas o que é, de facto, a Comunidade Europeia?

A Comunidade Europeia é uma associação de Estados democráticos que estabeleceram entre si um **mercado comum** com **políticas comuns** cada vez mais aperfeiçoadas abrangendo o maior número possível de domínios.

No plano comercial interno a Comunidade traduz-se por uma liberalização dos mercados, onde as pessoas, mercadorias e capitais podem circular livremente.

A eliminação de tarifas e direitos aduaneiros entre parceiros permitiu a criação de um vasto mercado comum onde o maior número de mercadorias circula ao menor preço, beneficiando sobretudo os consumidores europeus. No plano externo, a Comunidade dotou-se de disposições comerciais comuns e privilegia as trocas com os países do Terceiro Mundo tendo assinado vários acordos de cooperação económica (Convenção de Lomé, América Latina, Sul do Mediterrâneo, Ásia).

A **política agrícola comum** (PAC), de longe a mais desenvolvida de todas as políticas comunitárias, pois apresenta uma importância vital para os europeus em geral, e em particular para os mais de 11 milhões de agricultores, garante a auto-suficiência alimentar e a estabilidade dos preços e dos mercados.

A Comunidade aperfeiçoou também a **política regional** com o objectivo de melhor repartir a riqueza e de proporcionar às suas regiões mais pobres índices de desenvolvimento aceitáveis. O esforço de coordenação no sentido de tornar mais eficazes os **fundos estruturais** tem produzido os seus efeitos.

O **FEDER** (Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional) é o principal instrumento comunitário para o desenvolvimento das regiões mais pobres e desfavorecidas.

O **FEOGA** (Fundo Europeu de Orientação e Garantia Agrícola) engloba uma secção Orientação que financia políticas de estruturas de produção, transformação e comercialização dos propdutos agrícolas, e uma secção Garantia para as operações de mercado.

O **FSE** (Fundo Social Europeu) é o principal instrumento da política social comunitária.

Portugal poderá beneficiar destes Fundos em condições muito favoráveis logo após a adesão.

A Comunidade estabeleceu ainda várias disposições comuns em diversos outros domínios. É o caso das pescas, indústria, transportes, educação, meio ambiente, direito das sociedades, fiscalidade e novas tecnologias nas prioridades comunitárias.

A gestão dos assuntos comunitários, a tomada de decisões, a definição das políticas e o seu controlo são feitos por várias instituições autónomas mas em permanente ligação entre si:

A Comissão

Funções: órgão executivo que propõe as leis e as poliíticas comuns e faz respeitar a legislação comunitária, sendo considerada como a guardiã dos Tratados. Representa os interesses daComuniade devendo fazer proposas ao Conselho de Ministros, tomar posições e definir normas de execução das políticas.
Composição: 17 membros (1 português) nomeados por mútuo acordo entre os Estados-membros, por um período de quatro anos.

O Conselho de Ministros

Funções: órgão deliberativo e legislativo que aprova as leis, as políticas comuns e as disposições que fectam a Comuniade e se tornam válidas para todos os países membros.
Composição: um representante de cada Estado-membro, frequentemente o ministro dos Negócios Estrangeiros. Desde 1974 os Chefes de Estado e de Governo realizam, três vezes por ano, reuniões onde definem sobretudo questões de orientacão política geral, designadas Conselho Europeu ou Cimeira Europeia.

O Parlamento

Funções: conrola a vida legislativa da Comunidade, aprova o orçamento e pode exercer voto de censura sobre a Comissão.

Composição: 518 membros eleitos por cinco anos e por sufrágio universal directo nos doze países membros (24 parlamentares portugueses).

Funções: garantir aos países-membros e aos indivíduos o cumprimento das disposições comunitárias, assim como interpretar os Tratados e o Direito Comunitário quando para tal é solicitado.

Composição: 13 juízes nomeados por seis anos (um juiz português).

Tribunal de Contas

Os 12 membros (1 português) designados pelo Conselho estão encarregados de verificar a rigorosa execução do orçamento.

Comité Económico e Social

Órgão consultivo formado por 189 membros (12 portugueses) representando empresários, sindicatos, agricultores, consumidores e vários outros grupos sociais e económicos dos países-membros.

Nota: *Os elementos referentes às instituições dizem respeito à Comunidade a doze.*



DELINQUÊNCIA JUVENIL

A delinquência juvenil não é um fenómeno social de sempre, é um fenómeno do presente século, que dia a dia vem aumentando assustadoramente de frequência.

Todos os dias ouvimos exclamações de indignação do tipo: «Estes jovens de hoje em dia são um nojo. Imagina que um rapaz de idade do meu netinho o 'Agapitinho' roubou-me um fio de ouro no metropolitano. A polícia devia dar-lhe uma daquelas surras que ficasse negro durante uma semana».

Esta senhora tem razão de estar indignada, não tem razão é para cometer dois excessos de linguagem gravíssimos. O primeiro excesso de linguagem, consiste na generalização «Os jovens de hoje são um nojo» nem todos os jovens são delinquentes e se uns são menos sociáveis, outros há que o são bastante (a maioria). O segundo erro é uma causa da delinquência juvenil «A polícia devia espancá-lo». A violência não se resolve com violência, «olho por olho, dente por dente», a velha lei da taleão não pode nem deve vigorar em relação aos jovens delinquentes.

Este texto irá servir-nos para indicar as causas da delinquência juvenil.

No século XVIII Gabriel Tarde, famoso criminologista italiano, defendeu a tese que as tendências criminais são derivadas da imitação (faz porque vê fazer), esta é a primeira grande causa da delinquência juvenil. O contacto com meios marginais, o ambiente de educação quando é um ambiente onde o crime seja o dia a dia.

Não é lógico esperar que um jovem (mal) educado num meio, onde seja lícito e até louvável o roubo, o crime, onde haja o mais profundo desrespeito por instituições como a Polícia e a Justiça, onde os males sociais como a droga e a prostituição tenham grande frequência, seja um jovem normal e não desenvolva tendências delinquentes.

Outra causa bastante importante é a massificação social, característica das grandes urbes, que conduz à despersonificação.

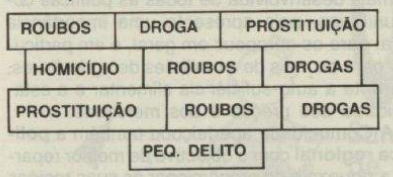
A sociedade de consumo, com o seu espírito de «mass production» gera problemas psico-sociais muito graves.

A terceira causa é o número grande de energias que o jovem tem e que necessita de expandi-las. A acumulação destas energias gera uma propensão à violência, sendo tão fácil canalizá-las em actividades como o desporto, a vida ao ar livre, e porque não ao ESCOTISMO.

O desenvolvimento do delinquente é assustador, tudo se passa como uma doença cancerígena que vai alastrando em proporções monumentais.

É lícito pensar que aquele rapaz de 13/14 anos que roubou, se não for ajudado, aos 18 anos tenha cometido o primeiro homicídio.

O desenvolvimento do delinquente pode ser descrito como uma pirâmide invertida.



Se na realidade o problema da delinquência juvenil é gravíssimo, e tal confirma a Polícia Judiciária com grande número de jovens detidos em delito, que vão do simples roubo ao homicídio voluntário.

A solução para o problema é simples e reside apenas numa mudança de mentalidades.

O delinquente é um doente social, deve como tal ser tratado, não nas prisões que em vez de o recuperarem, lançam-no para algo ainda pior (a escola da violência). Na cadeia o jovem delinquente lida com criminosos e pela imitação de que nos fala Gabriel Tarde, quando sair estará com as suas tendências delinquentes mais desenvolvidas.

O delinquente deve ter o seu tempo livre ocupado, em instituições que o recuperem. Aqui o Escotismo deve ter um papel fundamental.

Deve perder-se de uma vez por todas a ideia que um jovem delinquente é irrecuperável, é um caso acabado. Se assim pensarmos além de hipócritas estaremos a ser comodistas, e continurão a haver roubos, homicídios e crimes que poderiam ser evitados, bastava por vezes uma Palavra.

José Guerra Baltazar

CRIAR EMPREGO

COOPERATIVAS UMA OPÇÃO JOVEM

O Instituto de Emprego e Formação Profissional, a Caixa Geral de Depósitos, o Instituto António Sérgio do Sector Cooperativo e o Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis, em colaboração com a Federação Nacional das Cooperativas de Produção Operária e a Federação Nacional das Cooperativas de Produtores de Serviços promovem um concurso a nível nacional intitulado «COOPERATIVA — UMA OPÇÃO JOVEM DE EMPREGO».

O concurso está aberto até 31/10/87 e terá por finalidade incentivar o aparecimento de grupos de jovens portadores de iniciativas locais de criação de emprego que se proponham constituir em cooperativa de acordo com o Código Cooperativo.

Os interessados devem solicitar o regulamento e demais informações nas delegações regionais ou sedes das entidades promotoras.

PRÉMIOS DE JORNALISMO

O Clube Português de Imprensa concede os prémios de Foto-Reportagem, Europa, Ensaio e Viagen.

O Prémio Ensaio é destinado exclusivamente a estudantes da Comunicação Social e é no valor de 250 000$00.

O prazo de entrega dos trabalhos é até 31 de Março, com excepção do prémio Viagem que é de 28 de Fevereiro de 1987.

Os jovens que queiram concorrer ao prémio Ensaio devem entregar um trabalho original sobre os «Media», com o máximo de 40 páginas dactilografadas e tem o apoio da Presslivre.

Os jovens interessados em candidatar-se a este prémio devem contactar o Clube Português de Imprensa.



CAMINHEIRISMO

B.P. definiu o caminheirismo como «UMA FRATERNIDADE DO AR LIVRE PARA SERVIR». A questão está lançada vamos pois equacioná-la.



FRATERNIDADE

«A unidade de caminheiros é o Clã. Não tem limite mínimo e pode subdividir-se em equipas, conforme convier», afirmava B.P. (A Caminho do Triunfo).

É pois num ambiente de jovens que se ajudam mutuamente a formar realizando as suas aventuras e trabalhando em comum, que o caminheiro se vai preparando para a vida.

É aqui num clima de fraternidade, proporcionado pela aventura e espírito competitivo entusiástico e são, que o jovem aceita tanto a disciplina do Clã ou a dureza dos empreendimentos como a doação exigente do SERVIÇO.

Mas o espírito da fraternidade tem que ser desenvolvido com actividades que fomentem a amizade tais como: secções de cinema, teatro, música, visitas a museus ou exposições, etc.

AR LIVRE

«No momento em que eu vos escrevo estas linhas, está acampado no meu quintal um exemplo vivo do que, segundo espero, será o resultado deste livro em mais larga escala. Espero-o de todo o coração.

É um robusto caminheiro de uns 18 anos de idade, um tipo que se prepara para ser homem. Calcorreou grande distância com o saco-mochila em que trazia a tenda, a manta, panela e provisões.

. . . . . .

Além desta carga, é portador duma coisa ainda mais importante — um sorriso feliz no rosto queimado.

Na noite passada, de chuva e vento cortante, dormiu lá fora, embora eu lhe desse a escolha de ficar debaixo de telha. Apenas observou a rir que o verão fora muito quente, e um pouco de vento frio para variar lhe faria bem. Amava o ar livre. Cozinhou para si e aconchegou-se muito bem, com toda a habilidade dum velho campista.

Hoje tem estado a mostrar aos escoteiros locais a maneira mais eficaz de se servirem do machado, e demonstrou-lhes que sabia apanhar um homem com o laço. Conhecia as árvores pela casca e as aves pelo canto. E era capaz de subir a qualquer árvore ou penedia que lhe aparecesse. Afinal, um jovem sertanejo saudável, alegre e capaz. Todavia, o sujeito é citadino, mas daqueles que se fizeram homens.» B.P. (A Caminho do Triunfo).

SERVIR

«Servir é o fim prático do Caminheirismo», diz B.P.

«Todos os caminheiros se devem aconselhar a colaborar de todas as formas possíveis na vida das suas ou doutras Unidades: adquirem assim a experiência prática de educar escoteiros, experiência que contribui para se habilitarem e serem futuros chefes e pais; e devem exercer certas funções de responsabilidade em colaboração com os dirigentes do GRUPO.

. . . . . .

As actividades dividem-se naturalmente em dois géneros:

a) Serviço Escotista; *b*) Serviço Público.

a) Serviços no próprio GRUPO, na qualidade de Chefes de Alcateia, Secretários, Instrutores, Examinadores de provas, etc.

b) Podem prestar serviços como os seguintes: Socorristas, Auxiliares do Bem-estar em fábricas, centros recreativos, etc.»

B.P. (A Caminho do Triunfo)

E para terminar mais uma situação do mesmo livro: «Fazer que as nossas acções e pensamentos sejam orientados pelo amor. Por Amor, com maiúscula, não me refiro à paixão amorosa, etc. Refiro-me à manifestação dum espírito amável que se revela na prestação de serviços aos outros, na bondade e compaixão, e na manifestação de gratidão aos outros por serviços prestados. É a boa vontade. É a boa vontade é a vontade de Deus.»

FALCÃO JUSTUS

PORTO

NEVESTRELA RECEBEU ESCOTEIROS

Aproveitando as férias de Carnaval o grupo 33 da nossa Associação deslocou-se à serra da Estrela com o fim de participar numa iniciativa do Clube Nacional de Montanhismo. Esta actividade, denominada «NEVESTRELA» tem vindo a repetir-se periodicamente desde há vários anos e contou com um número de participantes acima de todas as expectativas.

(Do nosso correspondente no Grupo 33 — Eduardo Manuel)

ESTREMADURA

GRUPO 82 EM FESTA

Está de parabéns o Grupo 82 de Algueirão-Mem Martins por ter celebrado o seu quinto aniversário no último dia 15 de Março. Os escoteiros de lenço azul claro e escuro receberam como Grupos convidados o 23 de Queluz, o 93 de Sintra e o 122 de Mira-Sintra, numa festa realizada no Salão Nobre do Progresso Clube de Mem-Martins, comemoração essa que se iniciou pela 15 horas.

O «Sempre Pronto» não pôde infelizmente aceder ao convite para estar presente mas não quis deixar de assinalar esta data de festa.

SETÚBAL

ESCOTEIROS NA RÁDIO

O grupo 123, do Montijo, tem agora um programa quinzenal na rádio Impacto (rádio local da cidade). O programa «Mal Rompe a Alvorada das 8 da Manhã» vai para o ar aos domingos das 8 às 9 horas da manhã, em modelação de frequência (102.8 Mgh). A hora concedida ao grupo é alternada com a do agrupamento 72 do CNE, sito na mesma localidade.

O programa está a cargo da Chefia do Grupo.

Não fomos os primeiros nem queremos ser os últimos. Desafiamos os outros grupos a tentar, para que o escotismo seja mais difundido.

ESCOTEIROS DE VÁRIOS PAÍSES

ACAMPAM NA SELVA

Realizou-se de 28 de Fevereiro a 3 de Março no Campo-Escola da Costa da Caparica o inter-campo «SELVA 87» cuja organização coube à chefia de tribo do Grupo 7 da AEP.

Participaram cerca de 250 jovens integrados na AEP, Associação das Guias de Portugal, Boy Scouts of America, Scouts de France e também escoteiros alemães da D.P.S.G..

Tratou-se duma actividade internacional que se repete desde há alguns anos com o objectivo de convívio e comunicação entre Associações de jovens com o mesmo ideal.

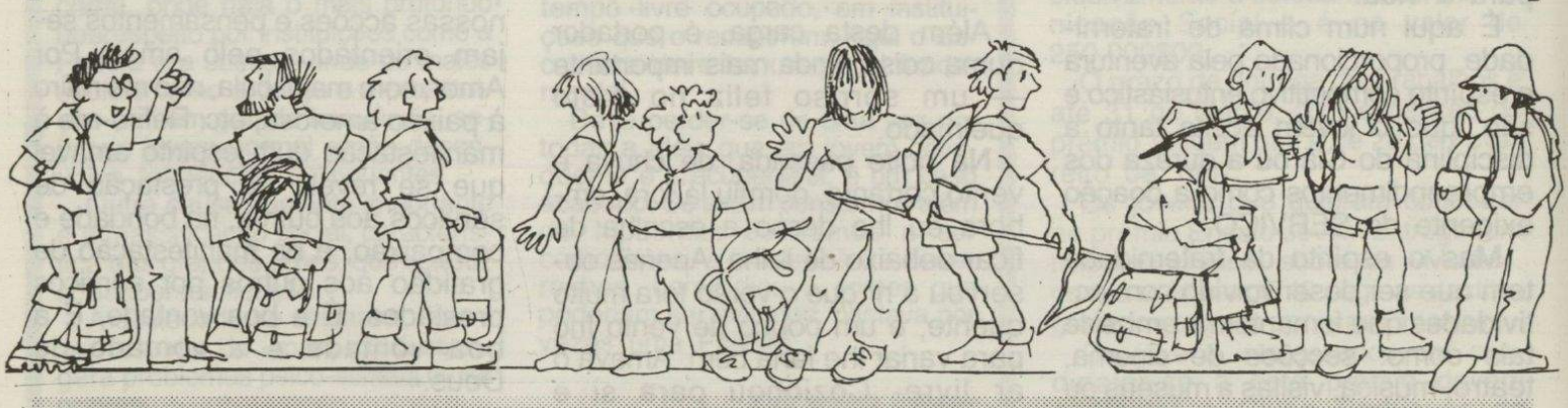
Tal como o nome indica o ambiente do acampamento foi a selva. Foi um regresso à primitividade: outras civilizações; sua mística; ritos; tradições e hábitos. Outra experiência de vida que não a nossa. Só um estudo ao vivo poderia levar a uma integração mais profunda da vida na selva, no seu habitat próprio.

Os subcampos eram tribos (Jivaros, Nambikwara, Massai e Pés Negros) e os gritos no seu dialecto indígena eram a sua identificação. As pinturas e roupas eram usadas como forma de integração no ambiente da selva. As metas a atingir eram a clareira, a travessia da selva, o fogo. O fogo, a chama que aquece, ilumina e une!

Foram quatro dias de competição com muitos jogos e concursos. O programa foi cumprido e os horários também mas nem tudo esteve bem, como é evidente, porque **«Nada nem ninguém é perfeito»**. O saldo foi positivo e para a próxima vai ser ainda melhor, por certo.

Nesta actividade colaboraram dirigentes dos grupos 7, 9, 14, 122 (AEP), 7.ª e 10.ª companhias (AGP), grupo 273 (BSA), grupo Staw Lissabon (DPSG) e grupo St. Louis (SF).

(Da nossa correspondente no grupo 122 — EC Paula Castro)





O Grupo 112 da Venda Nova levou a cabo a actividade «PNEC MAIS VIVO» no Dia Mundial do Ambiente, 21 de Março último, com o objectivo de chamar a atenção para o facto do Parque-Escola precisar da nossa ajuda para ser um local agradável, cabe aos escoteiros preservar toda a vida natural.

Esta actividade, organizada pela chefia do Grupo e levada a cabo por todos os elementos deste, constituiu em plantar duzentos pinheiros duma forma ordenada nos locais mais degradados do parque.

MONSANTO 87

O grupo 112 da Venda Nova realizou no passado dia 28 de Fevereiro a actividade MONSANTO 87 que moveu o interesse ao nível do grupo para fomentar novas actividades. A iniciativa contou dum raid iniciado na sede do grupo em que participou o clã, duas patrulhas masculinas e uma feminina, tendo esta actividade sido organizada pelos chefes adjuntos de clã e do grupo.

Com base em mensagens, este raid incluiu várias etapas (embaixada do México), miradouro da Luneta, igreja da Paz) nas quais se realizaram provas sobre diversos assuntos, dos quais destacamos construções consideradas mais difíceis, provas físicas, socorrismo e provas históricas.

Com esta actividade conseguiu-se que os participantes adquirissem mais experiência e interesse pelas actividades, para além dum maior convívio entre as divisões.

(Do nosso correspondente no grupo 112 — EC Rui Salvado)

EM MACAU LÊ-SE «SEMPRE PRONTO»

Vindas do outro lado do planeta, acabam de chegar à nossa redacção as primeiras notícias enviadas pelo nosso correspondente na Associação dos Escoteiros de Macau. É com entusiasmo que registamos a colaboração do EC Luís Pinto (que também pertence ao grupo 88 da Buraca, da AEP) como correspondente do «Sempre Pronto» naquele território sob administração portuguesa. A redacção do jornal retribui para Macau os votos que nos foram expressos de «criar deste modo um elo duradouro e estável entre as duas associações escotistas».

Bom, aqui fica o resumo do que de mais importante se tem feito na Associação dos Escoteiros de Macau:

Realizou-se no passado dia 25 de Dezembro, no Farol do Monte da Guia em Macau, a inauguração do grupo n.º 11 da Associação dos Escoteiros de Macau. A cerimónia contou com a presença dos pais dos 8 escoteiros que prestaram Compromisso de Honra e do Escoteiro-Chefe Territorial, o senhor José Ricardo das Neves, para além de representações de diversos grupos convidados.

O EC Territorial abriu a cerimónia com algumas palavras aos escoteiros em parada e aceitou o compromisso do Escoteiro-Chefe de Grupo. De seguida foi a vez dos Escoteiros-Chefe e Subchefe de Tribo prestarem o seu compromisso e serem empossados nos seus cargos pelo Chefe de Grupo empossado. Estes, por sua vez, aceitaram os compromissos dos 3 Guias e 3 Subguias presentes. A cerimónia foi encerrada pelo EC de Grupo com algumas palavras de agradecimento aos convidados presentes.

Finda a cerimónia, o grupo partiu para um acampamento de 4 dias na ilha de Coloane, junto a Macau.

Na mesma altura, uma delegação de cerca de 10 escoteiros pertencentes a diversos grupos e chefiados pelo Comissário para o Planeamento e Desenvolvimento, Sr. Leong Siu Pui, participava num Jamboree da região Ásia-Pacífico, realizado no vizinho território de Hong-Kong.

Também inaugurado recentemente foi o grupo n.º 12, com sede no Colégio Yuet Wa, de expressão chinesa. A cerimónia realizou-se no dia 21 do corrente e contou com a participação de algumas dezenas de Escoteiros de todos os grupos pertencentes à Associação, para além de membros dos Serviços Centrais e da direcção da AEM.

Agradecemos a quem quiser trocar correspondência (ou outra coisa qualquer...). A morada é:

110 Grupo — AEM
Avenida do Doutor Rodrigo Rodrigues
16/S
Macau

NO 37.º ANIVERSÁRIO DA FRATERNAL

ESCOTISMO – MOVIMENTO DE FUTURO

Esta uma das principais conclusões do debate sobre Escotismo promovido pela Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, no passado sábado 15 de Março, no âmbito do seu 37.º Aniversário.

O professor universitário Pina Prata, principal orador, defendeu ainda que o Escotismo tem características importantes que não deixarão o movimento entrar em rotura. Pina Prata, homem que dispensa particular atenção ao movimento escotista, estabeleceu durante a sua intervenção, um interessante paralelo entre a família, como instituição, e o grupo de escoteiros.

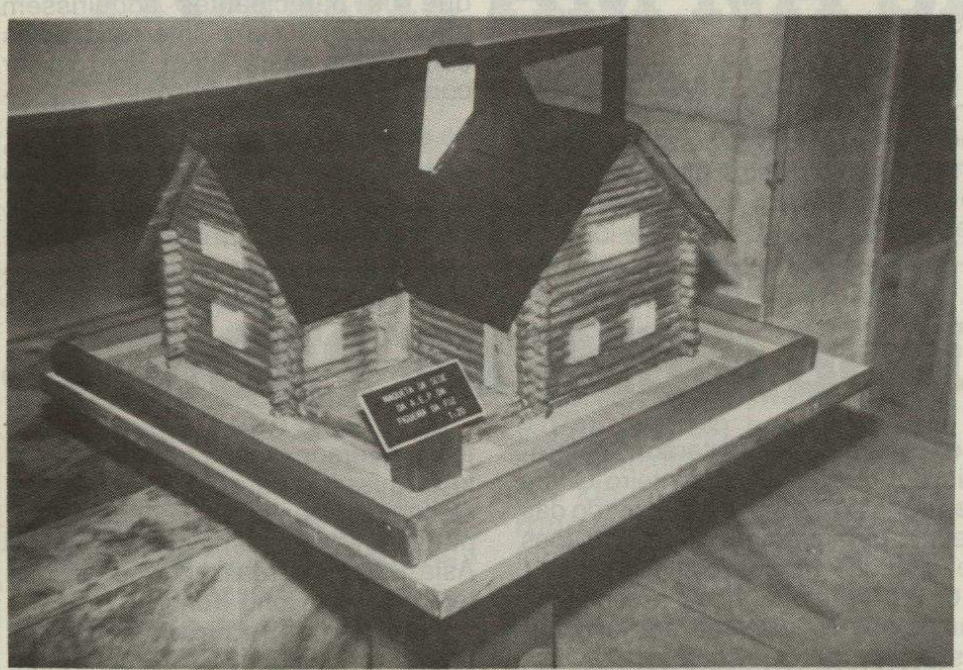
Ao debate assistiram antigos escoteiros, dirigentes das chefias regionais de Lisboa e Setúbal, membros da delegação Norte da FAEP e um contingente escotista do grupo 94 e 9, embora fosse reduzida a presença de escoteiros-chefes no activo.

Ainda, e no âmbito das comemorações foi inaugurada uma curiosa exposição de ferros de engomar, propriedade do antigo escoteiro José Relvas.

As comemorações acabaram já noite dentro, num jantar de confraternização a que esteve presente o Presidente da Direcção Nacional, José Rafael Baudouin.

NA FIGUEIRA DA FOZ

PROJECTO AMBICIOSO



■ *Maquete das sedes a construir*

Podemos denominar de muito ambiciosa a ideia que os Escoteiros da Figueira da Foz têm projectada, e que lutam para que se possa concretizar. Trata-se da construção de duas sedes, respectivamente para o Grupo 10 e 30.

É uma construção de arquitectura típica do Canadá, construída em troncos e com telhado adaptável ao tipo de arquitectura.

Torna-se fácil apercebermo-nos das dificuldades adjacentes a um projecto deste tipo; mesmo abstraindo o aspecto económico — que é de primordial importância — deve-se referir o importante número de mão-de-obra que será necessário para «erguer» dois edifícios deste tipo.

O terreno para a construção é cedido pela Câmara Municipal da Figueira da Foz, quanto a este aspecto tem-se verificado um adiamento na assinatura do protocolo entre o Escoteiro-Chefe Regional e o Presidente da Câmara Municipal. Estando portanto o aspecto prático do início da construção dependente da assinatura do referido protocolo.

A campanha de angariação de fundos ainda se encontra na primeira fase, tendo os Escoteiros da Figueira da Foz idealizado um autocolante referente ao dito projecto.

Aqui é de referir a campanha de venda de autocolantes levada a cabo pelo Grupo 30, sendo esta a nível nacional, e que aguarda a colaboração de todos os Escoteiros.

Se a este tipo de projectos fosse dado o apoio da Direcção Nacional bem como da Chefia Nacional, poder-se-ia dar ao projecto um cariz mais nacional — aproveitamento como Pousada para Escoteiros — sendo este um dos muitos exemplos, MAS . . .

FORMAÇÃO EM SETÚBAL

A Região de Setúbal levou a cabo um curso de aperfeiçoamento escotista para Escoteiros-Chefes e Caminheiros. O curso decorreu no Parque Nacional de Escotismo da Costa da Caparica nos dias 14 e 15 e 21 e 22 de Janeiro.

A Chefia Regional quis com esta iniciativa, dar «algumas luzes» em matéria de progressão escotista.

Apesar disto, a Região continua à espera que a Chefia Nacional implante o funcionamento do Curso de Iniciação Escotista. No entanto a Região tenciona continuar a desenvolver formação com base no Curso de Aperfeiçoamento Escotista.

Rute Salvador